



DIFERENÇA, MORTE E TERRA SEM MAL NA TEKOKHA AÑETETE: Do Campinho ao Campo Santo Guarani¹

Sônia Inês Vendrame²

Professora UDC

Resumo

Este artigo discute a relação entre o envelhecimento dos índios na Aldeia Tekoha Añetete em Diamantes do Oeste – no Paraná, suas diferenças e o modo de enterramento entre os Guarani, em especial o de um índio jovem, nascido para ser pajé. O modo como a hierarquia é conduzida em rituais sagrados, nunca antes registrado por não índios na nova reserva. A busca pela Terra sem Mal, território hoje só reservado aos cemitérios indígenas e a utilização do modo ‘branco’ durante a negociação em vida e até mesmo após a morte. Do túmulo de palha a urnas industrializadas com madeira de eucalipto. O secreto só desvendado na morte.

Palavras-chave: Comunicação, Guarani, diferença e enterramento

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT9, COMUNICAÇÃO, DISCURSOS DA DIFERENÇA E BIOPOLÍTICAS DO CONSUMO, do 2º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado dia 14 de outubro de 2016.

² Dra. em Comunicação Semiótica e Signos da PUC/SP. Mestrado em Comunicação, Consumo e Recepção pela ESPM/SP. Professora da UDC e coordenadora do Núcleo de Pesquisa.



Foto1: No cemitério da Tekoha Añetete pelo menos 12 corpos estão enterrados desde a chegada dos moradores. Não existem lápides. Sobre as covas uma espécie de barco que parece conduzir as almas para a Terra Sem Males. Ao invés de coroas de flores, pedaços de tecidos 'decoram' as cruzes. Algumas delas assemelham-se a lemes do timão de barcos

Futebol de várzea no interior e peladas nas grandes cidades frisaram-se como rotina de fim de semana fora das Aldeias. Na Tekoha Añetete todos os sábados também era assim antes da chegada da Internet. Era tradição de fim de tarde a aldeia reunir-se para assistir às partidas mistas entre os jovens. O campo fica na entrada da reserva, à esquerda de quem chega.

Quando ocorriam os jogos com mais frequência, não havia como não perceber as saias que dançavam no corpo feminino indígena. Elas rodopiavam, tornavam a girar, balançavam, atendendo à coreografia do passe e os pés descalços delas em busca da bola contra o time de chuteiras e uniforme impecável vindo da cidade.



Tanto os registros de tentativas de aplainar o selvagem³, como deste em resistir nasceram muitas vezes de palavras, como quando a índia Lorenza ao revelar em meio a dor pela perda do sobrinho Juscelino o que a comunidade pensava e sentia sobre o símbolo máximo do cristianismo a cruz:

—Usamos as cruzes nos túmulos não porque acreditamos no sentido delas, mas para evitar que branco pise ou profane. Para o branco a cruz é o sagrado representa a morte para eles. Para nós o tecido que o morto gostava faz a ligação dele com a terra após a morte.

A veemência nas palavras de Lorenza ao classificar o motivo de não adotar a cruz como igualdade de crença, representava não só resistência, mas repúdio à necessidade de ter de recorrer a outro simbolismo para poder ver a própria crença respeitada. Em uma das cartas escritas por Padre Anchieta em setembro de 1554, ele escreveu os motivos que faziam com que a missão repudiasse o “quase animal”.

Repúdio ao indígena — à sua animalidade — centraliza-se em três formas de comportamento qualificadas de repugnantes que seriam comuns a todos os “nativos”. São o incesto, o canibalismo e a nudez. Estes três comportamentos são vistos como comportamento de barbárie em que vivia o gentio, como demonstrativo de boçalidade em que viveriam, como índices significativos da sua animalidade⁴.

A mãe de Juscelino havia desmaiado ao ver o filho morto, mas evitava chorar para não desviar a alma do menino. O mesmo quadro foi mostrado por Manuela Carneiro da Cunha em “Os Mortos e os Outros”. Ela acompanhou a

³ A palavra selvagem foi repetidamente usada pelos Jesuítas ao relatarem as experiências na tentativa de domar o gentio.

⁴ NEVES, Luiz Felipe Baetê. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios: colonialismo e repressão cultural**. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1978. p. 56.



morte de adultos. Aqui é de um menino que havia sido batizado com o nome de Tupã Gaviju ou o menino que nasceu Pajé.

Porém, são nas casas o exemplo matérico da resistência mais evidente. Contrariando o projeto oficial das construções entregues em alvenaria, os índios ergueram novos anexos. São os “puxadinhos”. As presenças desses “puxadinhos” são, para os engenheiros, um exemplo de afronta tanto estética como material pois o índio a revelia transferiu o “Modo de Ser Guarani” para as construções entregues.

É ali que eles se reúnem durante o tempo vago, guardam o que produzem, as armadilhas, o milho. Assim, começa o primeiro exemplo da resistência por meio de um sussurro em forma de lamento a irromper a aldeia, 500 anos após a sua descoberta.

— Ipytupapotava⁵!

O anúncio era feito na língua oficial da tribo — o Guarani — pelos jogadores mirins que haviam aproveitado a folga da escola, na parte da tarde, para ir ao campinho bater bola. A língua pátria foi o primeiro sinal de fixação e manutenção da cultura durante o ritual do sagrado: a morte. Esse final trágico de uma infância fazia nascer o “entre-lugares⁶” descritos por Homi K. Bhabha. O entre-lugares acontece na recusa de negociar: “dor, idioma, raça, classe ou gênero”. É na presença deste sentido que nasce a diferença o “entre-lugares”.

Foi nessa diferença que a ancestralidade guarani começava a brotar do solo onde jazia o menino. Ao traduzir para o português o motivo dos

⁵ CANESE, Natália Krivoshein de; Alcaraz Acosta Feliciano. **Dicionário Guarani Espanhol e Espanhol Guarani. Ñe'eryru Avañe'e – karaiñe'e Avañe'e**. Instituto Superior de Lenguas Universidad Nacional de Asunción. Paraguai. 2000. Pelo dicionário Guarani, Ipytupapotava é moribundo, morto, em estado de morte. p. 196.

⁶ BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. ps. 20 à 23.



gritos, a tia disse que os amigos haviam percebido a ausência de Juscelino e decidiram procurá-lo. Quando o encontraram caído de bruços dentro do rio, o corpo já estava inerte, mas ainda quente, um sinal de que o afogamento era recente.

Ao ser batizado pelo pajé, aos três anos, Juscelino, que morria aos cinco, tinha recebido o nome indígena de *Tupã Guaviju*, significando que seria o futuro pajé da aldeia. O corpinho permaneceu lá, cercado de curiosos e pela mãe que ao ver o filho já sem vida desmaiara bem rente ao cadaverzinho coberto apenas por um calçãozinho marrom.

– **O que acontece com a criança se ela não receber o nome indígena?**

Lorenza ou Arapoty [céu florido], trinta e quatro anos – Sem o nome indígena ela não tem saúde.

– **Hoje ainda é mantido esse costume na hora de batizar as crianças?**

– Sim, ainda é mantido.

– **Além do nome, hoje o que é mantido como tradição da tribo na educação, por exemplo?**

– O pajé na casa de reza dá conselhos de como tem que ser.

– **E os pais, eles seguem esse conselho?**

– Sim, eles seguem.

– **E se não seguirem?**

– Seguem sim, a gente grava tudo na cabeça o que o pajé fala.

Entre os guaranis “quando nasce uma criança, *Nhanderu Ete* pergunta para *Tupã Ru ete*, que consulta *Karay ru ete* (e as mães da alma respectivamente), sobre a região de onde será proveniente a alma que deve guiar essa criança. Cada nome é proveniente de uma região”⁷.

Para eles, os nomes estão relacionados com a posição do seu espírito no céu. Quem recebe o nome *karay*, ao morrer, vai para onde o sol nasce. Os *jekupe* seguem para onde o sol se põe. Também era costume, durante o batismo, o oferecimento de oferendas. Quando o batizado era de menina, os pais levavam bolo feito de milho, se era menino, arco e flecha.

⁷ LADEIRA, Maria Inês. **O Caminhar sob a luz: território mbya à beira do oceano**. São Paulo: Ed. Unes, 2007. il. p.117.



Nós, povo guarani, temos a morada no céu, sempre que morremos nossos espíritos vão para lá, cada espírito tem seu próprio lugar, uns vão lá onde o sol nasce, outros vão lá no por do sol [sic]. O nosso pai está no centro do céu, nós guarani, quando morremos, voltamos como criança na terra, por isso que nosso povo nunca vai se multiplicar como os brancos, nós nunca vamos ser tão populosos⁸.

Destacada a frase “quando morremos, voltamos como criança na terra”, esta indica uma terceira apropriação, a espírita, que defende a reencarnação após a morte. A influência da religião praticada pelos jesuítas sobre os índios também é citada por Orlandi.

Na mesma esteira, a autora afirma como exemplo equivocado, a frase de que “os portugueses descobriram o Brasil”. Daí se infere que nossos antepassados são os portugueses e o Brasil era apenas uma extensão da terra. “Havia” selvagens arredios que faziam parte da terra e que, “descobertos”, foram o objeto da catequese⁹.

Os antepassados guaranis acreditavam que a alma seguia para a “Terra sem Males”. Eles acreditavam que, além do oceano, havia uma terra pura, sem maldades, onde tudo era perfeito e as pessoas viveriam em paz e harmonia com todos. “Durante muitos anos essa crença foi responsável pela migração da tribo para o Leste do Brasil em busca do oceano e, conseqüentemente, da terra sem males¹⁰. O lugar tem o mesmo sentido do paraíso, atribuído pelo cristão. “A terra sem males é a terra de Deus. Só os puros de coração podiam alcançar esta terra”.

Também há a crença de que “as almas podem realizar movimentos autônomos em ocasiões especiais. Assim, durante a vida de uma pessoa,

⁸ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.122.

⁹ Orlandi, Eni, Pulcinelli. **Terra à vista: Discurso do confronto: Velho e novo mundo**. São Paulo: Ed. Da Universidade Estadual de Campinas, 1990, p.56.

¹⁰ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p.116.



sua alma pode sair e visitar outras almas de pessoas que estão vivas ou que já morreram”¹¹. De acordo com Ladeira, esse encontro pode acontecer “por meio dos sonhos, as almas dos vivos também se comunicam entre si e com as almas dos que já viveram”¹².

No relato feito por Manuela Carneiro de Cunha sobre o ritual de morte dos índios Krahó¹³ ela reproduz como é o fim da vida para índios já adultos. Não há no livro indicações de como ocorre o acolhimento dos que morrem crianças como é o caso de Juscelino que deixava a *Tekoha Añetete*¹⁴ — Terra Prometida, tornando-se definitiva, para seguir para a Terra Sem Males, como buscavam seus ancestrais não necessariamente em vida, mas após a morte.

Na experiência de Cunha sobre “Os Mortos e os Outros”, ela escreve: “Lugar de morte é lugar de origem”.

O Krahó procura assim morrer na casa materna, e nesse intuito poderá se submeter, já agonizante, a penosos transportes. Isto inclui homens casados que, quando adoecem são levados pelos consanguíneos para sua casa de origem. “Não se deixa morrer na casa da esposa não, a não ser que não tenha mais família...”. Se sua mãe estiver viva, um homem já maduro, e até chefe de grupo doméstico em que vive, voltará para junto dela. Voltará para a casa de origem¹⁵.

¹¹ LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p.151.

¹² Ibid., p.151.

¹³ Os Krahô vivem no nordeste do Estado do Tocantins, na Terra Indígena Kraolândia, situada nos municípios de Goiatins e Itacajá. Fica entre os rios Manoel Alves Grande e Manoel Alves Pequeno, afluentes da margem direita do Tocantins. O cerrado predomina, cortado por estreitas florestas que acompanham os cursos d’água. É mais larga a floresta que acompanha o rio Vermelho, que faz o limite nordeste do território indígena. Informações acessar: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kraho/440>.

¹⁴ **Tekoha**: morada, querência, vivenda, paradeiro, residência, bairro. Añetete: verdadeiro, obvio. Juntando as duas palavras escreve-se: Morada Verdadeira que para os índios deve ser encontrada após a morte e não necessariamente durante a vida.

¹⁵ CUNHA, Manuela Carneiro. **Os Mortos e os Outros**. Uma análise do Sistema Funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahó. Editora Hucitec. SãoPaulo, 1978. p. 23.



Entre os guaranis, esse lugar de morte parecia não existir, considerando que o local de origem, era onde eles haviam nascido. Na aldeia 100% dos moradores, entre os com mais de 18 anos, já haviam sido removidos da Terra Natal, alguns deles por até cinco vezes, como foi mostrado no primeiro capítulo.

— A gente vai enterrar ele como se enterra um pajé, porque ele já era um pajé — traduzia Dona Lorenza após ouvir o que era dito. A diferenciação vinha do nome de batismo.

Entre os Krahô adultos o ritual pós-morte “será proporcional à importância do morto na vida pública¹⁶. Essa importância de acordo com o observado por Cunha acontecia pela presença de homens e mulheres ao longo do ritual fúnebre.

Durante o enterramento de Juscelino, homens e mulheres dividiam etapas no processo de aviso do ocorrido, abrigo dos visitantes nas casas, prover alimentos e até cuidar dos filhos dos pais de Juscelino. Essa tarefa foi delegada à família de Lorenza, por ser irmã de Francisca. Como disse Cunha, pelo parentesco de: “consanguinidade”.

Porém a presença do padrinho estava em evidência nos momentos mais decisivos do processo: recolher o corpo de dentro do rio e depositá-lo na covinha aberta embaixo de um pé de árvore no cemitério dentro da Aldeia *Tekoha Añetete*, ao fim da cerimônia, caso *Nhanderu* não devolvesse a vida do pequeno.

Durante a entrevista em profundidade realizada com o pajé Luiz Carlos Coronel, um mês antes da morte de Juscelino, as informações sobre o processo de escolha dos pajés na aldeia foram abordados. A missão para o cargo maior da aldeia nasceria espontaneamente, sem interferência terrena.

– Como a aldeia escolhe o pajé?

¹⁶ Ibid; p. 24.



– A aldeia não escolhe o pajé. O pajé é como os portugueses que têm o padre, então ele estuda para padre. A mesma coisa é para ser pajé, ele estuda sobre *Nhanderu-tupã*.

A formação para pajé é obtida por meio da família e de todos os habitantes da aldeia. O conhecimento é oral e prático, por meio de exemplificação, como se fosse um espelho – que servirá como reflexo que fala e mostra. Enquanto existir pajé, o “modo de ser guarani” será preservado em sua autenticidade.

Dessa forma, a perda do menino Juscelino Kaaviju não era uma perda qualquer, porque esta transcendia aos números de moradores, perdia-se, ali, o pajé não criado por vontades políticas, hierárquicas ou de desejo familiar ou pessoal, mas o pajé assoprado por Nhanderu na cerimônia mais sagrada dos guaranis: o batismo.

Neste ritual batiza-se quem nasce e os elementos sagrados para a sobrevivência – a água respingada sobre a erva-mate, o milho, a melancia... Enfim, o que a terra proveu por meio da natureza e por meio de quem habita este local, as mulheres indígenas – aquecidas pelo fogo e sentadas sobre a terra dentro da *Opy*.

Ninguém se move, até a chegada do padrinho, o Pajé Rezador Luiz Carlos Coronel. Apenas o Cacique Mário Alvez, 23, retira-se para telefonar para a Funai, avisando da morte e também para pedir a autorização para que um caixão seja liberado na Funerária de Diamante do Oeste. Ele descreve, por telefone, o tamanho e idade do menino, a estimativa do peso para que a urna seja adequada. A fala do cacique, apesar do tom baixo, é ouvida pela mãe que geme, amparada pela irmã.

Essa ausência de choro também foi reproduzida por Cunha ao acompanhar o ritual de morte entre os Krahó. “Chorar antes de certas horas é repreensível, pois é condenar o morto e não mais poder reviver, é mandá-lo embora para a aldeia dos Mekaró, vedar-lhe o caminho de volta, consagrar a



ruptura. Pois, nesse período, conta-se, já muitos voltaram à vida quando existiam curadores eficientes...”¹⁷.

O tempo muda da tarde ensolarada para nuvens pesadas. Para Graziela é o céu preparando-se para chorar o menino. O Pajé Coronel chega, esguio, quase curvado, apesar de ter 58 anos. Mesmo sendo o líder espiritual da Aldeia ele contou, em entrevista, não conseguir lidar muito bem com a morte, motivo que o fazia mudar constantemente de aldeias:

— **Quanto tempo após a morte da sua mãe que o senhor começou a não se sentir bem?**

— Foi após umas duas semanas da morte dela que começou a me atacar aquela coisa ruim assim. Ficar lá parece que não dava. A gente começava a se lembrar e não dava para ficar. Não sei como explicar bem, mas foi por isso que eu resolvi sair de lá com a família e tudo e vim para cá.

— **A sua mãe foi enterrada como a tradição Guarani, que é colocar dentro de uma cerâmica na posição de feto, ou no costume branco?**

— Ela foi enterrada quase no costume branco, mas só que os brancos usam caixão de madeira e nós enterramos em um caixão feito de taquara. Nós fizemos uma espécie de cesto e enrolamos o corpo em um pano e colocamos ela dentro. A gente cantou cantigas durante o enterro.

Com ele estava o Pajé Curador, Lírio Chamorro com seu cachimbo e chocalhos carregados de anéis de sementes. Chamorro é o primeiro a evocar exclusivamente o ritual guarani, sem negociação. Visto assim, ele parecia entrar em contradição com o que havia sido visto na casa onde ele mora com a mulher, Dona Dionísia. Além do “puxadinho”, no quarto do casal, estava o altar flagrado pela foto. Nele parecia existir um Santo para cada pedido, ou para cada visita que buscasse, nele, orientação.

Após algum tempo na Aldeia, fica evidente o poder de negociação adquirido pelo índio. Um exemplo foi no dia em que o professor da Aldeia, João Alvez, disse:

¹⁷ CUNHA, Manuela Carneiro. **Os Mortos e os Outros**. Uma análise do Sistema Funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahô. São Paulo: Editora Hucitec, 1978. p. 26.



— Na negociação, muitas vezes você consegue se você conseguir convencer o outro que esta acreditando no que ele diz. Se ele diz que vermelho é a crença dele, então se ele te perguntar sobre que cor você prefere, diga vermelho. O Quarto do Pajé parecia evidenciar essa negociação.

Agora é a vez de o Pajé Coronel aproximar a boca do ouvido inerte e lá, por alguns minutos, proferir palavras.

— Ele está dizendo que o Juscelino pode voltar, se for da vontade de *Nhanderu*, informa a intérprete. Em adultos o ritual também é o mesmo, porém por tratar-se de uma criança, a crença invoca para a compaixão do criador.

– **Na religião católica diz-se que quando alguém morre, vai para o céu. E os índios, como é?**

– A gente, quando morre se não tiver pecado é recebido por *Nhanderu*, senão volta para a terra e não é mais recebido por *Nhanderu*. Às vezes, a gente ouve vozes de noite por aí, são das pessoas que voltaram. São as almas perdidas.

– **Para não ser recebida por *Nhanderu* a pessoa tem de ter feito o quê?**

– Tem de ter muito pecado, que é fazer mal para o outro, para o parente.

Evito registrar imagens na presença do corpo do menino. Arlindo Machado em “Máquina e Imaginário conta ter ouvido do fotógrafo, cineasta e *videomaker*, Andrea Tonacci a experiência vivida entre os índios do norte do Brasil: “Em linguagem jê, *carom* é o nome que os índios canelas apinacras do Maranhão dão às imagens e às vozes das pessoas e das coisas, sejam ela atuais dos vivos ou virtuais dos mortos que retornam sob forma de fantasmas¹⁸”.

1.1 Os Pajés

¹⁸ MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário**: O Desafio das Poéticas Tecnológicas – São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993. p. 235.



Entre os guaranis da *Tekoha Añetete* a liderança política é do cacique. Ele é escolhido por meio do voto dos moradores, após receber apoio dos pajés. Já a figura do pajé não tem a exclusividade de um só, mas depende da capacidade da Aldeia em revelar estes detentores do poder de cura, reza e conselho.

Hierarquicamente, os pajés conselheiros, que são os mais velhos da tribo, ocupam o topo da pirâmide, pois eles já exerceram os cargos de Rezador, Curador e, ao completarem 80 anos, ganham o posto de pajés conselheiros. Na *Tekoha Añetete*, a função cabia a Aleixo Bogado, 105. Ele tinha a função da fala, do conselho, do discurso. Os exemplos desta presença verbal, onde ele fez da memória continuação além da própria vida dele, ou daquela reserva.

Com a morte dele a Aldeia preparava-se para ter no posto o pajé rezador mais antigo, Gerônimo Alvez, 85. Alvez, ilustra parte deste capítulo, é ele quem recusou-se a ter as fotos exibidas em detalhes. Alvez estava na categoria do Xamoi (velhos), uma distinção que antecede ao cargo de conselheiro. Cabe ao Pajé Rezador batizar os nascidos e enterrar os mortos.

1.2 A Terra Sem Males

O Pajé deixa o local de morte para preparar a *Opy-Puxadinho* para as cerimônias fúnebres que duraria aquele fim de tarde, toda a noite e terminaria na manhã seguinte com o enterro caso o menino não voltasse à vida, seguiria para a Terra dos Sem Males.

Quando a pessoa morre, é preciso esperar mais ou menos dois dias para ver se a alma volta de novo ao corpo, e a pessoa então ressuscita. É o *nãnde Ru ete* (pai das almas), que decide sobre a hora da morte da pessoa, que pode ser avisada por meio de um sonho ou sentimento. Logo após a morte de alguém, a comunidade deve rezar muito para a alma atingir seu lugar destinado e não ficar



vagando, sofrendo e fazendo sofrer aqueles que foram mais próximos em sua vida¹⁹.

Como acontecia tanto na cerimônia de batismo como em eventos considerados importantes, o local para reivindicar a *Hhanderu* (Deus) pela vida do menino no Modo de Ser Guarani era na Opy construída em palha e bambus, exemplo da resistência indígena também na questão da fé.

Coronel entra pela porta da Opy-Puxadinho como quem entre na igreja. Os gestos que já eram comedidos, tornam-se solenes. A primeira tarefa foi de acender o fogo, mas um foguinho que não representasse festa, apenas um ponto de luz a exalar fumaça. Sem janelas, aos poucos o ambiente começa a ser tomado pela fumaça. Os raios de sol que penetram pelas frestas emprestam um cenário fantasmagórico.

O Pajé verifica todos os cachimbos. Ao terminar, ele vai até as bicas. São bambus e madeiras escavadas onde é colocada água e uma espécie de líquido com mistura. São as oferendas deixadas pelos índios em cada cerimônia. Ao verificar que todas elas ainda estavam cheias, o Pajé parece pouco a vontade:

Porque é deixada essa água?

— É para que os espíritos venham e bebam se eles tiverem sede. Também para se *Hhanderu* mate a sede, mas ninguém veio. Sinal de que eles estão longe e isso pode ter sido a causa da morte do menino.

O ruído do lado de fora indica que o corpo havia chegado. O som rompe o silêncio. A música começa e o corpo, colocado no chão, no centro da Opy, próximo do fogo, é ungido por óleo, pelas mãos do pajé. Tudo ali é ritualizado, primeiro por todos que moram na aldeia, em seguida por quem chega para juntar-se ao ocorrido.

¹⁹ LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p. 152.



Cachimbo começam a ser acesos, e as baforadas vão no sentido do corpo. A lua havia aparecido. A luz noturna bate contra o telhado de capim, prateando-o. A urna autorizada pela Funai espera do lado de fora. O caixãozinho branco parece ser da 'ala econômica'. Não há nada que brilhe, nem alças ou tinta. Do interior da Opy inicia o silêncio. Ninguém dorme, eles esperam por um sinal que pode ser desde a devolução da vida do menino, a algo que possa indicar descontentamento sobre o ritual.

Nada ocorre até o início da manhã, então o Pajé, determina que hora de iniciar a despedida. Parentes mais próximos ajudam a colocar o corpinho no caixão. Todos seguem para o cemitério, uma clareira em meio à mata cerrada, um local longe de todos, entre a Opy, entregue pelo projeto desenvolvido pela Itaipu, que ninguém usava, e a próxima casa.

Já no 'Campo Santo', Coronel inicia a abertura da cova. Todos acompanham quando o corpo é depositado direto na terra, sem tijolos, sem cimento, nenhum aparato, a não ser o caixão, pois de acordo com as leis brasileiras não se pode apenas colocar o corpo na terra.

A medida que tudo fica coberto, a cerimônia é encerrada. O último a deixar o local é o padrinho, após colocar a cruzinha de madeira na posição onde ficava a cabeça do menino. Ele estava entregue à Terra Sem Males.

A crença da Terra Sem Males é repassada para os moradores pelos Xamoí (pajé mais velho, denominado pajé conselheiro) para a Aldeia. A decisão de delegar somente aos Pajés mais velhos a tarefa de explicar e de manter o rito era para evitar outras interpretações. Antes de morrer o Pajé é quem escolhe que será o seu sucessor na tarefa de pregar sobre a Terra Sem Males.

Terra Sem Males significa: Terra Pura, Terra Sem Maldades. "A crença sobre a existência deste lugar onde todos viveriam em harmonia e em paz



fez com que muitos guaranis migrassem para o Leste do Brasil em busca do oceano e, conseqüentemente, da terra sem males²⁰”.

Referências

CANESE, Natália Kriyoshein de; Alcaraz Acosta Feliciano. **Dicionário Guarani Espanhol e Espanhol Guarani. Ñe’eryru Avañe’e – karaiñe’e Avañe’e**. Instituto Superior de Lenguas Universidad Nacional de Asunción. Paraguai. 2000. Pelo dicionário Guarani, Ipytupapotava é moribundo, morto, em estado de morte. p. 196.

CLASTERS, Pierre. **Arqueologia da Violência** – pesquisa de antropologia política. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2011. p. 125.

CUNHA, Manuela Carneiro. **Os Mortos e os Outros**. Uma análise do Sistema Funerário e da noção de pessoa entre os índios Krahô. São Paulo: Editora Hucitec, 1978. p. 26.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Loureço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. ps. 20 à 23.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço Geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. Maringá, PR: Eduem; São Paulo: Edusp, 2008. p. 152.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário**: O Desafio das Poéticas Tecnológicas – São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1993. p. 235.

NEVES, Luiz Felipe Baetê. **O Combate dos Soldados de Cristo na Terra dos Papagaios**: colonialismo e repressão cultural. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 1978. p. 56.

²⁰ HENNERICH, Juçara Elza. **Olhares de guarani para guarani**. Tradução em Guarani, Mário Tupã Lopes. Guarapuava: Ed. da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2007. p. 116.